

PRONÚNCIA NO CONTEXTO DE INGLÊS LINGUA FRANCA:
INTELIGIBILIDADE DA FALA DE UM JAPONÊS PARA OUVINTES BRASILEIROS

Neide Cesar CRUZ
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO: Este estudo apresenta dois objetivos: (1) investigar quais aspectos da pronúncia do inglês na fala de um japonês afetam a sua inteligibilidade para ouvintes brasileiros, não familiarizados com o falar em inglês de japoneses; e (2) verificar se os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão estão incluídos no Lingua Franca Core (LFC) proposto por Jenkins (2000). Sete aprendizes brasileiros de inglês, participantes da disciplina ‘Teorias e práticas de compreensão oral em língua inglesa’, oferecida em um curso de Letras no estado da Paraíba, participaram da pesquisa. A fim de coletar os dados, um texto em inglês lido por um japonês, extraído de Walker (2010), foi transcrito pelos ouvintes brasileiros, em um laboratório de línguas. Após a transcrição, os ouvintes receberam a versão escrita do texto lido, e foram solicitados a realizar duas tarefas: (1) indicar os vocábulos considerados difícil, muito difícil ou impossível de entender (SILVA, 1999); e (2) explicar, se possível, as razões que os levaram a ter dificuldades em compreender os vocábulos indicados. Os resultados revelam que a substituição da fricativa dental sonora pela fricativa alveolar sonora foi um dos aspectos de pronúncia que mais afetou a inteligibilidade da fala do japonês, e que esse aspecto de pronúncia está excluído do LFC proposto por Jenkins (2000).

PALAVRAS-CHAVE: pronúncia; inglês lingua franca; inteligibilidade

ABSTRACT: *This study has two aims: (1) to investigate which pronunciation aspects in the speech of a Japanese speaker of English affect his intelligibility to Brazilian listeners, unfamiliar with the Japanese way of pronouncing English words; and (2) to verify if the aspects which cause intelligibility problems are included in the Lingua Franca Core (LFC) proposed by Jenkins (2000). Seven Brazilian learners of English, majoring in English, attending a university course entitled ‘Theory and practice of listening comprehension in English’ took part in the research. In order to collect the data, a text read aloud by a Japanese speaker, extracted from Walker (2010), was listened by the Brazilian learners, in a language laboratory. The learners were asked to transcribe the text orthographically. The original version of the text was given to the participants, and they were asked to carry out two tasks: (1) to indicate the words they had found difficult, very difficult or impossible to understand (SILVA, 1999); and (2) to explain, if possible, the reasons. The results reveal that the substitution of the voiced dental fricative by the voiced alveolar fricative was one of the pronunciation aspects which mostly affected the pronunciation intelligibility of the Japanese speaker, and that this pronunciation aspect is excluded from the LFC proposed by Jenkins (2000).*

KEY-WORDS: *pronunciation; English as a lingua franca; intelligibility*

Introdução

Inglês Língua Franca (ILF) refere-se ao inglês usado como meio de comunicação entre pessoas de línguas maternas diferentes (SAMARIN, 1987 *apud* SEIDLHOFER, 2004, p. 211). Essas interações têm crescido de forma contínua no mundo, e estima-se que aproximadamente 1.5 bilhão de falantes não-nativos usem o inglês para se comunicarem com outros não-nativos de línguas nativas diferentes (GRADDOL, 2006). De acordo com Crystal (2008), devido a essa estimativa, o número de falantes não-nativos de inglês supera o de falantes nativos em 4 para 1.

Tradicionalmente, o falante nativo, especificamente as variedades RP (*Received Pronunciation*) e GA (*General American*), tem sido utilizadas como modelo no ensino da pronúncia do inglês. No final da década de 90, Jenkins (1996), baseando-se no número crescente de falantes de ILF, desafia radicalmente o foco na pronúncia do falante nativo do inglês como modelo a ser atingido por aprendizes. Segundo a autora, “a pronúncia do falante nativo do inglês não deve mais ser o objetivo no ensino de pronúncia” (op.cit., p. 34), mas sim a inteligibilidade.

A autora defende que é preciso estabelecer quais aspectos de pronúncia podem impedir a inteligibilidade em interações envolvendo falantes de ILF, e quais aspectos não afetam a inteligibilidade entre esses falantes.

Jenkins (2000) apresenta esses aspectos através de um modelo fonológico para inteligibilidade, chamado Língua Franca Core (LFC). O modelo é derivado da análise de dados empíricos envolvendo interações entre falantes de ILF. A autora identificou nessas interações problemas de comunicação devido a desvios de pronúncia produzidos pelos falantes. Baseando-se nos resultados obtidos, Jenkins (2000) propõe o LFC, que corresponde a um conjunto de aspectos de pronúncia considerados essenciais e necessários para garantir a inteligibilidade fonológica nas interações entre falantes de ILF.

A proposta do LFC gerou debates e objeções por parte dos profissionais da área de ensino de inglês como língua estrangeira (HEWINGS, 2001; DETERDING, 2001). Uma das objeções diz respeito à confiabilidade do LFC. Alguns estudiosos não o consideram definitivo, argumentando que há a necessidade de um maior número de dados empíricos para confirmar a inclusão e/ou exclusão no LFC das áreas de pronúncia sugeridas por Jenkins (2000). A esse respeito, Keys e Walker (2002) sugerem que os elementos chaves do LFC devem ser desenvolvidos a luz de estudos de pequeno ou grande porte envolvendo falantes de ILF. A sugestão dada por esses autores motivou-nos a desenvolver este estudo, que apresenta dois objetivos: (1) investigar quais aspectos da pronúncia do inglês na fala de um japonês afetam a sua inteligibilidade para ouvintes brasileiros, não familiarizados com o falar em inglês de japoneses; e (2) verificar se os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão estão incluídos no LFC proposto por Jenkins (2000).

Metodologia

Contexto do estudo

O contexto deste estudo foi a disciplina ‘Teorias e prática de compreensão oral em língua inglesa’ oferecida em um curso de Letras de uma universidade pública do estado da Paraíba¹, ministrada pela pesquisadora. Na referida disciplina, os alunos-professores realizavam atividades de compreensão oral, e as aulas eram ministradas em um Laboratório de Línguas para que não houvesse interferência de ruído externo enquanto os alunos escutavam os textos orais. Neste laboratório, há cabines individuais com fones de ouvido, e um aparelho que possibilita ao aluno trabalhar a compreensão dos áudios individualmente, regulando o volume, pausando, voltando ou adiantando o texto oral escutado.

Participantes

Sete alunos cursaram a disciplina e concordaram em participar deste estudo. Dois são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Os participantes tinham idades variando entre 21 e 24 anos. Dois lecionavam inglês em escolas públicas, e um em escola particular. Quatro deles não lecionavam.

Coleta de dados

A fim de coletar os dados, um texto em inglês lido por um japonês, extraído de Walker (2010), foi ouvido pelos participantes. Em seguida, os ouvintes foram solicitados a transcrever ortograficamente o texto ouvido, durante dez minutos. Após a transcrição, receberam a versão escrita do texto lido, e foram solicitados a realizar duas tarefas: (1) indicar os vocábulos que tivessem considerado difícil, muito difícil ou impossível de entender (SILVA, 1999)²; e (2) explicar, se possível, as razões que os levaram a ter dificuldades em compreender os vocábulos indicados.

O texto lido em inglês pelo japonês está transcrito a seguir:

Hi Zoe. Thanks for your message and the invitation. A fancy dress party. What made you think of that. It sounds amazing! I wish I could join you, but I have to stay here and work. I've got a small problem – my course project has to be in next Tuesday. Truly depressing!

¹ Não mencionaremos o semestre em que a disciplina foi ministrada, a fim de preservar a identidade dos participantes.

² Esta tarefa foi adaptada de Silva (1999), que investigou a inteligibilidade da pronúncia de estudantes brasileiros de inglês para ouvintes de diversas nacionalidades (ver Fundamentação Teórica)

It shouldn't take too long – most of it's done. But I've still got to include the visuals. At least I'm getting better at Freehand and Illustrator. If you ever want me to do any of your things, say so. I don't charge much!

Keep the CDs, by the way. They're just copies. I'm glad you liked them. I'll send you the scripts by e-mail.

OK. Take some pictures of the party and put them on your blog. See you soon I hope.

Fundamentação Teórica

Focalizaremos aqui dois aspectos teóricos: (1) a descrição do modelo de Jenkins (2000); e (2) estudos em pronúncia no contexto de ILF que fornecem evidências para validar ou refutar o modelo fonológico proposto por Jenkins (2000).

Modelo fonológico de Jenkins (2000)

O modelo proposto por Jenkins (2000) foi estabelecido com base nas variedades RP (Received Pronunciation) e GA (General American), e, portanto, inclui aspectos de pronúncia presentes nessas duas variedades. Esses aspectos, segundo a autora, devem ser ensinados e enfatizados no ensino de pronúncia, e são denominados 'core'. Jenkins (2000) sugere, também, as áreas de pronúncia que devem ser excluídas do LFC, denominadas 'non-core', uma vez que não impedem a inteligibilidade entre falantes de ILF. Essas áreas, segundo a autora, não devem ser ensinadas.

Os aspectos incluídos no LFC são: (1) consoantes, exceto as fricativas dentais /T/ e /Δ/; (2) grupo de duas ou mais consoantes (*consonant clusters*); (3) extensão de vogais (*vowel quantity*) e ditongos; e (4) proeminência (*nuclear stress*). Esses aspectos requerem do aprendiz e falante não-nativo uma aproximação dos sons das variedades RP e GA. As áreas excluídas são: (1) fricativas dentais (consoantes) (2) formas fracas de palavras gramaticais; (3) acentuação de palavras; e (4) tons (essencialmente ascendente e descendente). Esses aspectos podem ser identificados, tanto no RP e GA, como em outras variedades linguísticas do inglês, diferentes do RP e GA.

Estudos envolvendo o LFC

Mencionaremos três estudos que incluem aprendizes e falantes brasileiros de inglês, participantes desses estudos tanto como ouvintes, quanto como falantes. Esses estudos foram realizados por Silva (1999), Cruz (2006) e Reis e Cruz (2010).

Silva (1999) realizou um estudo de pequeno porte para investigar a inteligibilidade dos sons segmentais produzidos por aprendizes brasileiros de nível intermediário, especificamente do Rio de Janeiro, para um grupo de falantes não-nativos de línguas

maternas diferentes. Os ouvintes foram solicitados a ouvir três textos lidos pelos aprendizes. Em seguida, ao serem apresentados à transcrição ortográfica dos textos que tinham ouvido, foram solicitados a identificar palavra(s) que tivessem considerado difícil, muito difícil, ou impossível de entender. Os resultados validam o LFC. Além disso, sugerem o acréscimo, no LFC, de uma característica de pronúncia típica de aprendizes brasileiros: a redução exagerada da vogal /ʌ/ em posição final de sílaba, como em *happy* que soa como *hap* (WALKER, 2010, p. 44).

Cruz (2006) realizou um estudo envolvendo conversas informais em inglês entre 5 falantes de ILF: uma brasileira, um alemão, um japonês e duas tailandesas. Trechos dessas conversas onde havia quebras na comunicação devido a desvios de pronúncia dos falantes foram selecionados. Considerando os vocábulos que continham esses desvios, os dados foram agrupados em 4 categorias: (1) consoantes; (2) acentuação de palavras; (3) consoante e acentuação; e (4) ditongos. As categorias (1) e (4) validam o LFC proposto por Jenkins (2000). No entanto, as categorias (2) e (3), que apresentam vocábulos contendo desvios de acentuação de palavras, apontam para dúvidas quanto à confiabilidade do LFC. Acentuação de palavras foi o aspecto de pronúncia que mais causou problemas de inteligibilidade entre os falantes, e está excluído do LFC.

Reis e Cruz (2010) realizaram um estudo com o objetivo de investigar os aspectos de pronúncia que impediram a inteligibilidade entre três falantes brasileiros e três falantes franceses de inglês. Esses falantes foram áudio-gravados durante conversas informais. Além de identificar os aspectos que causaram problemas de comunicação no nível fonológico, os autores também relacionaram tais aspectos com o LFC. Os dados foram agrupados em quatro categorias: (1) consoantes; (2) vogais; (3) ditongos; e (4) consoantes e vogais. Os resultados validam o LFC proposto por Jenkins (2000), uma vez que todos os aspectos de pronúncia que causaram problemas de inteligibilidade nas interações entre os falantes brasileiros e franceses de inglês estão incluídos no modelo fonológico proposto pela referida autora.

Análise dos dados e resultados

Os dados foram agrupados em duas categorias: (1) consoantes; e (2) grupo de duas consoantes com omissão de uma delas.

Consoantes

- Fricativa /w/

O aspecto de pronúncia na fala do japonês que mais causou problemas de inteligibilidade refere-se à produção da fricativa /w/ em *visuals*, que é pronunciada como [β]. O vocábulo *visuals* em “*I’ve still got to include the visuals*” pronunciado com a

oclusiva, bilabial, vozeada [β] ao invés da fricativa, lábio-dental, vozeada /ʋ/ não foi escrito corretamente por nenhum dos sete participantes. Nenhum deles conseguiu explicar as razões; apenas o identificaram como impossível de entender.

- Fricativa /Δ/

A ausência de produção da fricativa, dental, vozeada /Δ/, e a consequente substituição pela fricativa, alveolar, vozeada [ʒ] causou problemas para a maioria dos ouvintes participantes. Vocábulos como *the, that, they're*, que não foram escritos por esses participantes, foram considerados impossíveis de entender. A minoria que os escreveu considerou difícil de entender.

Apesar da substituição da fricativa dental pela fricativa alveolar ter ocorrido, na maioria das vezes, no artigo *the*, há uma dessas ocorrências que consideramos relevante mencionar: a produção de [ʒ] no artigo *the* na expressão *by the way*. Dois participantes escreveram a expressão corretamente, dois deixaram o espaço em branco, e três escreveram *run away, my boy* e *way*. É possível perceber a ausência do artigo definido nessas transcrições, e inferir que a pronúncia de um artigo, que é uma palavra gramatical, afetou a compreensão correta de uma expressão inteira.

Durante a discussão áudio-gravada da atividade, todos os alunos-professores admitiram conhecer a expressão *by the way*. Apesar disso, dois deles deixaram o espaço em branco; um desses escreveu: "*I played four times, and I couldn't understand*".

- Fricativa /T/

A produção da fricativa, alveolar, desvozeada [σ] ao invés da fricativa, dental, desvozeada /T/ causou poucos problemas de inteligibilidade. Todos os participantes compreenderam corretamente *thanks* e *think*, no entanto, três deles tiveram problemas para entender *things*: dois escreveram *sins* e um deixou o espaço em branco. A interferência da produção de [σ] ao invés de /T/ pode ser evidenciada através do vocábulo *sins*, que se inicia com o fonema /σ/ e que foi escrito por dois dos participantes.

Um dos participantes que escreveu o vocábulo *things* corretamente, mas o considerou difícil de entender, explicou por escrito a razão que a levou a ter tal dificuldade: "*I found this word difficult because she pronounced the 'th' sound as /σ/*". Essa explicação mostra não só um conhecimento por parte da participante dos sons do inglês, mas também sua familiaridade com o falar em inglês dos brasileiros, e talvez com o próprio sotaque, já que brasileiros também tendem a fazer essa mesma substituição. Isso nos leva a inferir um aspecto relevante em relação à compreensão do vocábulo *things*.

Esse aspecto diz respeito à familiaridade com o próprio sotaque dos participantes ou com o falar em inglês de brasileiros, e está relacionado ao comentário feito pelo participante mencionado anteriormente. Tal familiaridade, que não esperávamos, pode ter auxiliado na compreensão, e constitui uma outra variável possível de interferir na inteligibilidade.

Uma outra evidência da presença dessa possível variável pode ser visualizada ao fazermos um paralelo entre a compreensão que os participantes tiveram dos vocábulos que contêm a oclusiva [ʒ] ao invés da fricativa vozeada /Δ/, com o entendimento correto das palavras que incluem a fricativa alveolar [σ] ao invés da fricativa, dental, desvozeada /T/. Uma vez que a fricativa dental vozeada /Δ/ tende a ser substituída por brasileiros muito mais frequentemente por [δ] ou [Ϙ] do que por [ʒ], como ocorre com o japonês, a falta de familiaridade dos participantes com essa substituição pode ter causado uma maior falta de compreensão dos vocábulos que contêm [ʒ] ao invés de /Δ/, mencionados anteriormente.

- Lateral /λ/

A substituição da lateral, alveolar, vozeada /λ/ pela aproximante, pós-alveolar, vozeada [ρ] nos vocábulos *problem*, *truly* e *include* causou problemas de inteligibilidade. O vocábulo *include* pronunciado como [INɔkpu]δ] ao invés de /INɔkly]δ/ em “*But I’ve still got to include the visuals*” não foi compreendido corretamente por nenhum dos ouvintes brasileiros. Cinco deles deixaram o espaço em branco, e os outros dois escreveram *increase* e *improve*. Considerando as duas palavras escritas pelos participantes ao invés de *include*, é possível inferir que a produção de [ρ] ao invés de /λ/ pode realmente ter influenciado a percepção dos ouvintes, uma vez que os dois vocábulos escritos contêm a aproximante, pós-alveolar, vozeada [ρ]: *increase* /INɔkpi]σ/ e *improve* /ɪmɔpry]Ϙ/.

Grupos de duas consoantes com omissão de uma delas

A omissão da oclusiva alveolar desvozeada /τ/ ocorrida no grupo consonantal /σ/ + /τ/ em *just* não causou problemas para nenhum dos ouvintes .

Considerações finais

Apresentaremos as considerações finais, respondendo aos dois objetivos propostos neste estudo, apresentados na introdução.

(1) Investigar quais aspectos da pronúncia do inglês na fala de um japonês afetam a sua inteligibilidade para ouvintes brasileiros, não familiarizados com o falar em inglês de japoneses.

Considerando os resultados obtidos, podemos afirmar que os aspectos que causaram problemas em inteligibilidade para a maioria dos ouvintes brasileiros participantes deste estudo estão relacionados, principalmente, à pronúncia inadequada do japonês das fricativas, vozeadas /ʋ/ em *visuals* e /Δ/ em *by the way*, da fricativa desvozeada /T/ em *things*, e da lateral /λ/ em *include*.

A omissão da oclusiva alveolar desvozeada /τ/ ocorrida no grupo consonantal /σ/ + /τ/ em *just* não causou problemas para nenhum dos ouvintes brasileiros.

Os aspectos da pronúncia do inglês na fala do japonês que afetaram a sua inteligibilidade para os ouvintes brasileiros seguem a seguinte ordem decrescente de relevância: (1) a fricativa, alveolar, vozeada /ʋ/; (2) a lateral, alveolar, vozeada /λ/; (3) a fricativa, dental, vozeada /Δ/; e (4) a fricativa, dental, desvozeada /T/.

(2) Verificar se os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão estão incluídos no Lingua Franca Core (LFC) proposto por Jenkins (2000).

Como mencionado na fundamentação teórica, os aspectos incluídos no LFC são: (1) consoantes, exceto as fricativas dentais /T/ e /Δ/; (2) grupo de duas ou mais consoantes (*consonant clusters*); (3) extensão de vogais (*vowel quantity*) e ditongos; e (4) proeminência (*nuclear stress*). Comparando os aspectos de pronúncia que causaram problemas em inteligibilidade para os ouvintes brasileiros deste estudo com aqueles incluídos no LFC proposto por Jenkins (2000), observamos os seguintes resultados:

(1) as fricativas dentais /T/ e /Δ/, que estão excluídas do grupo de consoantes no modelo, causaram problemas de inteligibilidade, principalmente a vozeada /Δ/. Portanto, os dados relacionados às fricativas dentais apresentados aqui apontam para dúvidas quanto à confiabilidade do LFC.

(2) o grupo consonantal produzido pelo falante japonês não causou problemas de inteligibilidade para os ouvintes brasileiros. Grupos consonantais, incluídos no LFC, também apontam para dúvidas quanto ao modelo.

Apesar de termos respondido às perguntas que propomos na introdução, consideramos necessário abordar um aspecto relacionado à inteligibilidade e ao LFC: a complexidade em se medir inteligibilidade. Field (2003) aborda essa complexidade, discutindo as inúmeras variáveis relacionadas ao ouvinte que contribuem para facilitar ou

impedir a inteligibilidade de um falante. Uma delas, a familiaridade dos ouvintes com o sotaque estrangeiro do falante, foi controlada aqui, uma vez que os ouvintes brasileiros não tinham familiaridade com o falar em inglês do japonês, como mencionado na introdução. Outras variáveis incluem: a representação fonológica do ouvinte; a influência da língua materna nas categorias fonológicas do ouvinte; o estilo de ouvir do ouvinte (o ouvinte atenta para detalhes fonológicos ou holísticos?). Algumas dessas variáveis são quase impossíveis de serem controladas. Devido a essas variáveis, nos perguntamos se é possível oferecer um modelo fonológico para um contexto tão amplo quanto o do uso do ILF.

Identificamos neste estudo uma possível variável que não esperávamos: a familiaridade com o falar em inglês de brasileiros ou com o próprio falar em inglês. Essa variável pode ter facilitado a compreensão da fricativa [σ] ao invés de /T/. Defendemos que modelos fonológicos devem ser construídos com base em contextos mais delimitados, e considerando as várias variáveis relacionadas à familiaridade do ouvinte com o sotaque do falante.

Referências

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. **Revista Intercâmbio**, v. 15, 2006.

CRYSTAL, D. Two thousand million. **English Today**, v. 24, p. 3-6, 2008.

DETERDING, D. Review of the phonology of English as an international language. **Speak out!** v. 27, p. 38-39, 2001.

FIELD, J. The fuzzy notion of 'intelligibility': a headache for pronunciation teachers and oral testers. **IATEFL Special Interest Groups Newsletter**, Special issue, p. 35-38, 2003.

GRADDOL, D. **English Next**, 2006. Disponível em:
<<http://www.britishcouncil.org/learning/research-englishnext.htm>> Acesso em: 10 junho 2010.

HEWINGS, M. Review of the phonology of English as an international language. **ELT Journal**, v. 55, n. 3, p. 327-329, 2001.

JENKINS, J. **Phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KEYS, K.; WALKER, R. Ten questions on the phonology of English as an international language. **ELT Journal**, v. 56, n. 3, p. 298-302, 2002.

REIS, F.; CRUZ, N. C. (Un)Intelligibility in the context of English as a lingua franca: a study with French and Brazilian speakers. **Revista Intercâmbio**, v. XXII, 2010.

SEILDHOFER, B. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 24, p. 209-239, 2004.

SILVA, R. The intelligibility of Brazilian students. **Speak Out!** Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG, v. 23, p. 19-25, 1999.

WALKER, R. **Teaching the pronunciation of English as a lingua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2010.